



CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE LUZIÂNIA

PEDAGOGIA

FABRINE SILVA AFONSO

LITERATURA INFANTIL

A prática pedagógica e a formação do pequeno leitor

LUZIÂNIA-GO

2017

FABRINE SILVA AFONSO

LITERATURA INFANTIL

A prática pedagógica e a formação do pequeno leitor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Luziânia, sob a orientação da professora Dra. Zenaide Dias Teixeira Porto.

LUZIÂNIA-GO

2017

FABRINE SILVA AFONSO

LITERATURA INFANTIL

A prática pedagógica e a formação do pequeno leitor

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 21 de novembro de 2017, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Professora Dra. Zenaide Dias Teixeira Porto (UEG)

Orientadora

Professor Dr. Djiby Mané (UnB)

Avaliador

Professora Ma. Maria Eneida da Silva (UEG)

Avaliadora

LUZIÂNIA-GO

2017

Dedico este trabalho à minha querida mãe, mulher guerreira e forte.

Agradeço primeiramente a Deus que sempre me abençoou e me deu forças para chegar até aqui. Agradeço à minha família por todo apoio e colaboração para que eu realizasse o meu sonho.

“A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte”.

(Mahatma Gandhi)

RESUMO

Neste trabalho, far-se-á uma reflexão a respeito da literatura em sala de aula como elemento fundamental no processo de apropriação do conhecimento e sua contribuição para a formação do pequeno leitor. O foco é mostrar como o trabalho com a literatura é desenvolvido em sala de aula como fonte impulsionadora do processo de desenvolvimento e aprendizagem na formação do leitor reflexivo. Nesse sentido, a pesquisa traz à tona as ideias fundamentais dos diferentes papéis que a literatura pode exercer na transformação do pequeno leitor, por meio das descobertas do mundo da leitura. Partindo desse entendimento, temos como objetivo geral: entender de que maneira o trabalho com a literatura em sala de aula favorece a formação do leitor reflexivo no 2º ano do ensino fundamental. E como objetivos específicos: a) Verificar como o PPP contempla o processo de formação do leitor reflexivo através da literatura; b) Analisar se o trabalho com a literatura desenvolvido em sala de aula tem suas ações calcadas para a formação do leitor reflexivo; c) Observar se os livros trabalhados em sala de aula estão de acordo com a etapa do ensino. Para atender a esses objetivos, adotamos alguns procedimentos de coleta de dados da abordagem qualitativa, buscando conhecer um pouco da realidade do trabalho com a literatura infantil no contexto escolar. Como suporte para análise dos dados, optou-se por um referencial teórico baseado, principalmente, em autores como Coelho (2000), Zilberman (1988) e (2003), Pimentel (1998), que abordam a conceituação e histórico da literatura infantil, a importância da leitura na escola para a formação do leitor reflexivo, fazendo articulação entre ambos. Assim, a pesquisa pode contribuir como espaço de reflexão, pois por meio dela, algumas práticas pedagógicas podem ser aprimoradas.

Palavras – chave: Literatura. Leitor. Reflexivo. Formação.

ABSTRACT

In this work, a reflection will be made about literature in the classroom as a fundamental element in the process of appropriation of knowledge and its contribution to the formation of the little reader. The focus is to show how work with literature is developed in the classroom as the driving force of the process of development and learning in the formation of the reflective reader. In this sense, the research brings to light the fundamental ideas of the different roles that literature can exert in the transformation of the little reader, through the discoveries of the reading world. Starting from this understanding, we have as general objective: to understand how the work with literature in the classroom favors the formation of the reflective reader in the 2nd year of elementary school. And as specific objectives: a) Verify how the PPP contemplates the process of formation of the reflective reader through the literature; b) Analyze if the work with the literature developed in the classroom has its actions based on the formation of the reflective reader; c) Notice if books used in the classroom are in accordance with the stage of teaching. To meet these objectives, we adopted some data collection procedures of the qualitative approach, seeking to learn a little about the reality of the work with children's literature in the school context. As support for data analysis, we chose a theoretical framework based mainly on authors such as Coelho (2000), Zilberman (1988) and (2003), Pimentel (1998), who approach the conceptualization and history of children's literature, the importance of reading in the school for the formation of the reflective reader, making articulation between them. Thus, this research can contribute as a space for reflection, because through it, some pedagogical practices can be improved.

Key-words: Literature. Reader. Reflective. Schooling.

Lista de Abreviaturas

PISA – Programmer for International Student Assessment

PPP – Projeto Político Pedagógico

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

LLECE – Laboratório Latino-Americano de Avaliação de qualidade da Educação

OCDE – Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PCN - Parâmetro Curricular Nacional

Sumário

INTRODUÇÃO.....	16
Capítulo I - Leitura, literatura infantil e sala de aula.....	19
1.1 A literatura e a formação do leitor.....	19
1.2 A leitura e as avaliações de larga escala.....	22
1.3 Leitura: Conceitos e relações com a formação do leitor.....	24
1.4 O estudante das series iniciais e a escolha do livro literário.....	26
1.5 A escola e a formação do leitor reflexivo.....	28
Capítulo II - Metodologia de pesquisa.....	31
2.1 Diagnose da Escola Campo.....	31
2.2 A pesquisa científica: considerações gerais.....	37
2.3 A pesquisa qualitativa.....	38
2.4 O percurso metodológico de estudo.....	40
Capítulo III – O processo de ensino-aprendizagem da literatura infantil na escola campo.....	41
3.1 Projeto Político Pedagógico: o que é?.....	41
3.2 A literatura infantil e a Organização do Trabalho Pedagógico no PPP.....	43
3.3 A prática pedagógica do professor no processo de ensino-aprendizagem da literatura infantil.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICES	
Apêndice 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido - escola.....	58
Apêndice 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido - professor.....	59

Apêndice 3 – Roteiro de observação de aulas.....60

ANEXOS

Anexo 1 -Declaração de autenticidade.....61

INTRODUÇÃO

Ao fazer uma análise da sociedade, muitos buscam descobrir os motivos de tantos problemas que enfrentamos hoje, seja político, religioso e muitas vezes pessoal. É muito importante que tenhamos profissionais de qualidade na formação de pequenos leitores, pois toda criança tem uma inteligência e agilidade incrível para aprender coisas novas e para que isso aconteça é importante que seja estimulada da maneira mais adequada.

A literatura infantil na sala de aula contribui de forma positiva na formação de pequenos leitores. Durante o tempo que estou cursando Pedagogia tive oportunidade de fazer o estágio supervisionado da universidade, através dele entrei em contato direto com alunos em formação e pude perceber que estamos evoluindo, porém, de forma muito lenta.

A utilização da linguagem é inerente ao nosso cotidiano e cada dia que passa as exigências de proficiência na leitura cresce mais e mais.

Segundo Klein (2011), numa análise da proficiência em leitura de nossos estudantes, a queda das médias na 1ª série do Ensino Médio de 2000 e 2003 para 2006 e 2009 é significativa. Também as médias na 7ª e 8ª séries são menores em 2006 do que em 2000. A média da 8ª série em 2009 menor que em 2000. Isso sugere uma queda de desempenho entre 2000 e 2009. Na 2ª série do Ensino Médio, as diferenças de médias não são significativas. No entanto, a média geral em 2009 é maior que as médias nos anos de 2000 e 2006. É também quase maior que a média em 2003. A única explicação para isso é que a mudança de composição do aluno por série e a melhoria do fluxo escolar foram tais que compensaram, com vantagem, a queda da média em algumas séries. Em suma, não se pode dizer que houve aumento da proficiência na leitura por série.

Nesse sentido, percebe-se que temos uma deficiência enorme quando se trata de desempenho na leitura de nossos estudantes. A necessidade de avançar no processo de formação é gritante. Por esse motivo, a presente pesquisa propõe uma análise reflexiva sobre a literatura infantil e sua relação com a prática pedagógica e a formação do pequeno leitor.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, pretende-se entender de que maneira o trabalho com a literatura em sala de aula favorece a formação do leitor reflexivo no 2º ano

do ensino fundamental.

Observando a prática pedagógica em meu estágio, pude constatar que ainda encontramos professores tradicionais que “concebem o conhecimento como saber pronto, fechado em si mesmo, um produto estruturado sequencialmente que deve ser transmitido por tópicos menores”. (PIMENTEL, 1998, p. 34), ou seja, que realizam uma educação em que nossos alunos são depósitos de informações, com sucessivas aulas expositivas, utilizando um processo de avaliação cujo único objetivo é a obtenção de notas e menções.

Neste sentido, nossas perguntas de pesquisa são:

1) Como o PPP contempla o processo de formação do leitor reflexivo através da literatura infantil?

2) O trabalho com a literatura desenvolvido em sala de aula tem suas ações calcadas para a formação do leitor reflexivo?

3) Os livros trabalhados em sala de aula estão de acordo com a etapa do ensino? Estimulam a formação do leitor reflexivo?

Assim, nosso objetivo geral é investigar de que maneira o trabalho com a literatura infantil em sala de aula favorece a formação do leitor reflexivo no 2º ano do ensino fundamental I. Nossos objetivos específicos são: a) verificar como o PPP contempla o processo de formação do leitor reflexivo por meio da literatura infantil; b) analisar se trabalho com a literatura infantil desenvolvido em sala de aula tem suas ações calcadas para a formação do leitor reflexivo; c) observar se os livros trabalhados em sala de aula estão de acordo com a etapa do ensino bem como se estimulam a formação do leitor reflexivo.

A metodologia de estudo que será utilizada é de abordagem qualitativa. Nossos instrumentos de coleta de dados serão: 1) a análise do PPP da Unidade Escolar; 2) a observação em sala de aula.

Para que seja alcançado com sucesso o objetivo que foi proposto, contamos com o aporte teórico de autores como Barthes (1989), Freire (1998), Orlandi (1988), Zilberman (1988) e Coelho (2000).

Nosso trabalho está estruturado em 3 capítulos. No capítulo 1, apresentamos uma ideia geral acerca das práticas pedagógicas na formação do pequeno leitor do segundo ano do ensino fundamental I. Para tanto, trazemos uma discussão sobre a literatura e a formação de leitor, os resultados de avaliações em larga escala no Brasil, no que diz respeito à proficiência de leitura de nossos estudantes. Abordamos, ainda, conceitos sobre leitura e suas relações com a formação do leitor, a escolha do livro

literário, a importância da leitura na escola para a formação do leitor reflexivo e a literatura infantil.

No capítulo 2, apresentamos a metodologia de pesquisa, esclarecendo para o leitor o percurso que percorremos para realizar a nossa pesquisa. O primeiro passo foi analisar o PPP da escola, visando entender o histórico da escola e o contexto no qual ela está inserida. Explicamos ainda o tipo de pesquisa que realizamos - a pesquisa de natureza qualitativa - bem como apresentamos os instrumentos de coleta de dados.

No capítulo 3, fizemos a análise dos dados coletados, optamos por uma análise ponto por ponto, de acordo com o nosso roteiro de observação de aulas, buscando refletir sobre a prática pedagógica do professor no que diz respeito ao trabalho com a literatura infantil como um instrumento para a formação do leitor reflexivo.

Capítulo I

Leitura, Literatura Infantil e a Sala de Aula

O hábito de ler por prazer nos parece ser pouco cultivado. Infelizmente, no ambiente escolar, a leitura frequentemente ocorre por obrigação: ler para fazer uma prova, ler para fazer uma atividade que vale nota, enfim, sempre com algum objetivo voltado para o cumprimento de alguma obrigação. Isso é algo que tem que ser mudado, começando pelos anos iniciais. Avaliações em larga escala, como o PISA (*Programme for International Student Assessment*), demonstram que a proficiência em leitura de nossos estudantes precisa melhorar. Neste sentido, a literatura infantil pode ser um instrumento que auxilia na formação global do indivíduo, inclusive em seu processo de alfabetização e letramento. Assim, neste capítulo discutiremos a importância da literatura infantil na formação do pequeno leitor e traremos uma breve discussão sobre a proficiência de leitura de nossos estudantes, segundo o PISA.

1.1 A literatura infantil e a formação do leitor

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não pela manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (FREIRE, 2006, “p. 8”). A leitura pode ter vários sentidos, por exemplo: na escola, em um sentido mais restrito, significa o aprender a ler e a escrever; em termos acadêmicos, a leitura implica as várias formas de compreender um texto; ela também pode ser uma ideologia ou uma atribuição de sentidos, entre outras definições (ORLANDI, 1988). A relação do texto com o leitor é algo que parece ser simples, porém, é algo de muita complexidade. Zilberman defende que a

Literatura infantil, nesta medida é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missa pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura a de “conhecimento de mundo e do ser”, como sugere Antônio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além - propiciar os elementos para a emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do saber. Integrando-se a este projeto libertador. A escola rompe suas limitações inerentes à situação com a qual se comprometeu na sua gênese. E esta possibilidade de superação de um estreitamento de origem que a literatura infantil oferece a educação. Aproveitada em sala de aula da sua natureza ficcionista, que aponta um conhecimento de mundo e não enquanto súbita do ensino de boas maneiras, ela se apresenta como o elemento

propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional (ZILBERMAN, 1988, p.16).

Quando o trabalho de leitura é direcionado para crianças é necessário analisar todo o contexto de vida dessas crianças, levando para elas textos que estejam de acordo com sua faixa etária. A escola é o local privilegiado no qual dão possibilidades de crianças terem acesso a esse tipo de experiência literária, com uma mediação profissional: a do professor. No desenvolvimento cultural da criança, toda função aparece duas vezes: primeiro, em nível social e, mais tarde, em nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da própria criança (intrapicológica) (VYGOTSKI, 1979, “p. 94”).

A escola e a literatura são proveitosas quando permitem que a criança reflita sobre sua condição pessoal, tendo em vista a carência do conhecimento de si mesmo, do espaço que se insere, da história e da vida social. Não se trata de justificar a condição da criança através da obra literária. A imagem da criança era, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensavam de si mesmos (ZILBERMAN, 2003, “p. 18”).

A literatura infantil deverá ser entendida e recriada, fornecendo a compreensão e a concepção crítica da vida exterior. De acordo com Bettelheim “A literatura infantil é muito variada, ela se manifesta principalmente através do gênero narrativo, seja o conto, a lenda ou a fábula, todos são encantadores e conseguem transportar o aluno para a fantasia de um mundo imaginário” (BETTELHEIM, 1988, p.55).

Os contos de fadas possibilitam ao leitor chegar a conclusões e decisões, o que pode ser aplicado no dia a dia das pessoas. Muitas vezes as crianças conseguem ver situações em que acontece nos contos de faz de conta e compará-las com as situações vividas no seu cotidiano. Os contos de fadas ensinam que sempre terá novas possibilidades, aguçam a curiosidade para procurar soluções e também para fazer questionamentos. Os heróis e personagens românticos eram aventureiros, corajosos e invencíveis, sustentando uma literatura para crianças, baseada no “domínio quase absoluto da exemplaridade; da rigidez de limites entre certo/errado, bom/mau; etc.” (COELHO, 2000, p. 20).

A arte literária que não tem como objetivo lições de moral são muito importantes, tanto quanto a fábula e o conto, pois através dessas artes literárias a imaginação cria asas, instiga e também é divertida.

A literatura infantil possibilita criar o hábito de ler e estimula a criança a gostar disso, instiga a curiosidade e a vontade de sempre estar aprendendo mais. “Só quando a leitura fizer parte do ambiente cultural de um povo, só quando existirem livros identificados com os anseios e gostos das diversas faixas etárias de uma população é que podemos afirmar que todos gozam do mesmo direito de ler” (ZOTZ, 1996, p. 22). O livro quando é utilizado para estudar conteúdos que não sejam do interesse do aluno e ele vê isso como obrigação, pode gerar marcas negativas no leitor, assim, como uma leitura quando é feita pelo gosto de ler deixa marcas boas; é importante como é oferecida a leitura em sala de aula, precisa ser de um modo em que o aluno se sinta envolvido e sinta vontade de ler.

A literatura infantil é um instrumento muito importante na formação do pequeno leitor; é através dela que o indivíduo consegue futuramente conversar, argumentar, criticar e até mesmo pensar, pois o hábito de ler nos dá a capacidade de organizar nossas ideias e pensamentos construindo assim uma linha de raciocínio. A influência da literatura na vida do aluno é algo que vai refletir na sua vida inteira, pois o indivíduo com o hábito de ler tem o aperfeiçoamento e a capacidade de discernimento, oralidade, liderança, escrita, etc. Paulo Freire dissertou o seguinte:

É importante dizer, a leitura de mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem [...] a decifração da palavra fluía naturalmente da leitura do mundo particular. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo, ou de ‘reescrevê-lo’... (FREIRE, 1981).

As explorações literárias devem englobar as necessidades do aluno, pois o trabalho com a leitura, quando é bem organizado pode nos trazer melhores resultados. Segundo Souza (1995),

Quem se dispõe a trabalhar com leitura, se com o fito de transcrevê-los apenas, se com o de recriá-lo [...] Para tanto, deveria trazer consigo uma bagagem de informações e experiências suficiente para reconhecer os limites de sua atuação. Afora isso, é necessário ainda que ame essas histórias, como um príncipe ama sua Cinderela, quer dizer, o bastante para insistir em fazê-la experimentar o sapato, ainda que o pé esteja sujo, e ele não tenha certeza de seu número. (SOUZA, 1995, p.132)

O professor precisa entender que além de auxiliar o aluno na construção de conhecimentos, ele o prepara para o mundo, e a escola é sua segunda casa, assim precisa ser tratado com atenção, e meios que o estimulem a superar suas dificuldades e a ampliar

seu conhecimento. Passar confiança ao aluno e deixá-lo seguro de que pode conquistar algo, seja lá o que for, é tão importante ou mais importante do que avaliá-lo com notas. O professor é antes de tudo portador de sonhos, e pode tanto melhorar, quanto piorar a vida de um aluno. Abramovich afirma que:

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

A contação de história pode ser um momento maravilhoso, pois deixa as crianças deslumbradas com o mundo da imaginação, um mundo que nunca tem fim, onde tudo pode acontecer, basta apenas sonhar, imaginar, é algo mágico para os nossos pequenos, instiga a curiosidade, desperta desejos, abrange emoções e o passaporte para esse mundo é a literatura infantil, basta apenas abrir o livro e aproveitar todo o conhecimento que ele pode nos proporcionar.

Segundo ARIÉS (1986) entre o século XV ao século XVIII, a sociedade deu um grande passo, quando começou a diferenciar crianças de adultos, pois, eram consideradas miniaturas de adulto, na era medieval, até assumiam trono. Na sua obra, ele ressalta sobre o desdém, a desconsideração da inocência. Como não havia infância, também não existia a literatura infantil, ou seja, a literatura era única seja para crianças ou para adultos, após o século XVIII que as crianças começaram a ser tratadas como crianças.

Com o intuito de refletir sobre como está a proficiência em leitura de nossos estudantes, na próxima seção, faremos uma breve exposição de resultados de avaliações em larga escala.

1.2 A leitura e as avaliações em larga escala

Avaliações em larga escala tem nos mostrado que a habilidade de leitura do brasileiro tem deixado muito a desejar. Segundo o INEP, o PISA (*Programme for International Student Assessment*) faz parte de um conjunto de avaliações e exames nacionais e internacionais coordenados pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Atualmente, estudantes brasileiros participam de avaliações nacionais, dos estudos regionais coordenados pelo Laboratório Latino-Americano de Avaliação da Qualidade da Educação (LLECE) e do PISA, coordenado pela OCDE

(Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

A prova do PISA é aplicada anualmente busca avaliar três disciplinas importantes, sendo elas: matemática, leitura e ciências. Na avaliação de leitura, buscase analisar três pontos de extrema importância: localizar e recuperar informação, integrar e interpretar, e por último refletir e analisar.

Abaixo está uma tabela que representa a média de proficiência em leitura no PISA por ano e série, dos anos de 2000 a 2009:

ANO	7 ^a / 8 ^o EF	8 ^a / 9 ^o EF	1 ^a EM	2 ^a EM	3 ^a EM	Total
2000	321.7(4.9)	368.1(4.1)	425.4(3.5)	463.5(6.0)	-(-)	396.0(3.1)
2003	315.5(5.6)	353.0(5.6)	430.0(4.3)	470.4(5.3)	484.3(26.1)	402.8(4.6)
2006	304.6(4.8)	336.9(7.9)	415.1(3.5)	457.8(4.9)	439.1(20.6)	392.9(3.7)
2009	316.2(3.6)	348.5(2.6)	406.3(2.8)	463.6(3.4)	478.5(5.8)	411.8(2.7)

Fonte adaptada: Segundo Klein (2011) de Organisation for Economic Co-Operation and Development (2005).

O desenvolvimento dos alunos do 8^o ano do ensino fundamental, durante esse período representado na tabela não foi muito positivo, pois no ano de 2000 a média era 4.9, três anos depois tivemos um desenvolvimento muito grande e a média subiu para 5.6, mas infelizmente a média dos anos de 2006 e 2009 só foi diminuindo, a média do ano de 2009 é considerada negativa, pois está menor do que a de 2000. A média do 9^o ano, no ano de 2000 era de 4.1; até o ano de 2006, a média subiu consideravelmente para 7.9, porém em 2009, a média diminuiu para 2.6. Para os alunos do 1^o ano do Ensino Médio, a média maior foi no ano de 2003, no qual o resultado foi 4.3; nos outros anos, a média foi baixa e a menor durante esse período foi em 2009 sendo 2.8. A média do 2^o ano do Ensino Médio diminuiu com o passar dos anos, não tendo nenhum desenvolvimento. No ano 2000, a média era 6.0 e no ano de 2009 a média foi para 3.4. Para o 3^o ano do Ensino Médio o resultado mais satisfatório foi no ano de 2003. De um modo geral, chegamos à conclusão de que a média de proficiência em leitura nas avaliações do PISA teve um resultado melhor durante o ano de 2003.

Analisando os resultados do PISA, podemos perceber que a proficiência de nossos estudantes em leitura não tem melhorado com o passar do tempo. Partimos do pressuposto de que se o gosto pela leitura for estimulado desde a infância, teremos leitores proficientes. Acreditamos ainda que a literatura infantil é um instrumento valioso na formação do pequeno leitor, pois pode ampliar o gosto pela leitura, estimulando o hábito de

ler.

1.3 Leitura: conceitos e relações com a formação do leitor

Segundo Barthes (1989), ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integre parte das novas informações que o indivíduo possui. Processo complicado, a leitura associa-se à forma de ver o mundo e de experienciá-lo.

Vários textos como poemas, receitas, cupons fiscais, jornais, podem causar questionamentos, e cada um deles de natureza diferente, a leitura em qualquer um desses casos é um meio de questionar o que está a nossa volta, nosso contexto e conhecimento de mundo.

Segundo Orlandi (1988), a leitura pode ter vários sentidos como, por exemplo, na escola significa o aprender a ler e a escrever. Em termos acadêmicos as várias formas de compreender um texto, a leitura pode ser uma ideologia ou uma atribuição de sentidos, entre outras definições.

Através da leitura, temos a oportunidade de decifrar e interpretar os sentidos que o texto nos mostra, e são esses sentidos que por diversas vezes se sobressaem ao que foi escrito. Segundo Orlandi,

Ler é saber compreender, interpretar e essa interpretação não é única, depende de cada pessoa, de seu contexto de vida, de sociedade, de trabalho, de família, de época, etc. Um texto para ser legível depende desses fatores e depende do leitor virtual que se insere dentro de um texto, pois a relação entre leitor virtual (leitor para que o autor destina o texto) e leitor real (pessoa que lê o texto) é muito distante, dificultando a compreensão. (ORLANDI, 1988, p.58)

E o que é compreensão? Para Freire (1998, p.8), “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”, ou seja, se entende a partir do que se conhece do contexto do que é falado no texto, então a compreensão do texto é mais importante do que simplesmente decodificar as palavras, a compreensão faz com que a leitura seja um momento crítico.

O costume de ler tem grande relevância, pois, desde o início das civilizações a leitura representa o poder, a capacidade de comunicação é algo muito importante, então quem tem essa capacidade tinha uma vantagem muito grande sobre os demais, e nos dias

de hoje não é muito diferente, quem possui mais conhecimento sempre estará um passo à frente dos demais. Para Zilberman (1988),

Uma certa ideologia garante o arranjo dessas peças, expandindo a noção de que a leitura distingue os indivíduos. Essa diferença advém das oportunidades desiguais de alfabetização de que pessoas e grupos dispõem, portanto se origina na organização da sociedade, dividida em classes menos e mais privilegiadas. Porém, ao considerar o domínio individual da habilidade de leitura, o sintoma dessa repartição, obscurecem-se as causas sociais e transfere-se o problema para outro nível, o pessoal. (ZILBERMAN, 1988, p.15).

A leitura é muito importante na sociedade e para entender melhor isso, basta seguir uma linha de raciocínio: em um panfleto quantas informações o indivíduo é capaz de tirar de um único pedaço de papel com um anúncio impresso? Pessoas que não sabem ler se limitam a imagens e suposições do que está sendo abordado nos textos, tendo assim o acesso restrito às informações, limitando-se apenas às informações orais que são repassadas por outros leitores. O analfabeto também não pode registrar momentos escritos, e a escrita é um registro de passado, presente e futuro, ou seja, a sua linha do tempo permanecerá apenas na memória sem nenhum registro de lembrança.

Quando é abordado o assunto sobre a importância da formação do leitor na sociedade, não podemos esquecer de conceituar a leitura de modo amplo e claro, pois,

se este lhe aparece, num primeiro momento, como desordenado e caótico, a tentativa de impor a ele uma hierarquia qualquer de significados representa, de antemão, uma leitura, porque imprime um ritmo e um conteúdo aos seres circundantes. Nesta medida, o real torna-se um código, com suas leis, e a revelação destas, ainda de forma primitiva e incipiente, traduz uma modalidade de leitura que assegura a primazia de um sujeito, e a sua capacidade de racionalização, sobre o todo que o rodeia. (ZILBERMAN apud SOARES, 1982, p.17).

Trata-se não apenas de formar leitores do texto escrito, mas de pessoas aptas a fazer a “leitura de mundo” (FREIRE, 1995). Na leitura existem textos verbais como, por exemplo, os que são falados e os que são escritos e também os textos não verbais como músicas, gestos, etc. Os novos leitores precisam ter um olhar muito atento para essas múltiplas diversidades de linguagem textuais que estão presentes em seu cotidiano: jornal, rádio, revistas, livros, músicas, é uma diversidade incontável desses sentidos.

Todas essas formas de linguagem que dominam o mundo moderno são importantes, porém a escrita é responsável pela organização e o saber sistematizado. De

acordo com Soares,

Inicialmente, é importante pensar sobre os povos pré-históricos, lembrando da importância da leitura do mundo em suas vidas, mesmo que fossem ágrafos. Ler era, para esses homens primitivos, uma forma de inserir-se no meio e defender-se. A leitura era análoga a sua própria vida, acontecia naturalmente, sem mediadores simbólicos, a não ser a explicação ou a história contada pelos mais velhos com base em suas experiências. Com base nesta leitura, este ser humano fazia o reconhecimento da natureza, percebendo-a como um risco, e utilizava-se da sua inteligência para sobreviver nesta hostilidade. (SOARES, 2001, p.18).

No contexto abordado o leitor aparece como leitor ouvinte, sendo que o material escrito estava em ausência. Ele escutava e relacionava as informações com outros textos, construindo assim ensinamentos e experiências. Tem sua biblioteca localizada em outro ser humano podendo ser consultada somente pela linguagem oral.

De acordo com Soares (2001), houve um momento na História, mais precisamente quando foi inventado o código escrito, em que se diferenciaram dois grupos sociais: os que liam e os que não liam. Neste momento, a aprendizagem da leitura passou a ser uma necessidade para ascender de um estágio social a outro. Um novo estágio, considerado privilegiado porque detentor de uma forma de codificar o natural.

1.4 O estudante das séries iniciais e a escolha do livro literário

Na seção anterior, vimos que a habilidade com a leitura é necessária para o desenvolvimento do indivíduo. Consideramos que, para desenvolver o hábito de leitura desde a infância, a literatura infantil pode ser um instrumento valioso. No entanto, para desenvolver tal hábito, é necessário que a escolha dos livros de literatura infantil para os estudantes dos anos iniciais seja feita considerando a adequação, a fim de despertar na criança o gosto pela leitura. A utilização de um livro não adequado para a fase da criança pode causar efeito contrário, desencadeando a aversão pela leitura. Neste sentido, passaremos a discutir nesta seção a adequação das obras literárias infantis para os estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, buscando refletir sobre como podemos auxiliar a criança a descobrir o mundo da leitura através da literatura. Pois,

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de

referências modalizadoras (PCNs, p.27).

A escola tem a tarefa institucional de garantir que os alunos se tornem usuários efetivamente hábeis do sistema de representação escrita, pois saber ler e escrever é condição indispensável ao exercício pleno da cidadania. E, junto com ensinar a ler para aprender, é preciso também ensinar a ler por gostar de ler. Ou seja, além de ter estratégias de ensino para desenvolver a fluência e a eficiência nos usos da escrita associados às demandas sociais, a escola deve favorecer também a qualidade do vínculo dos alunos com a leitura e a capacidade de dialogar com os textos lidos por satisfação pessoal, por necessidades individuais.

Segundo Coelho (2000), a escola é um espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro. A escola como ambiente amplo possibilita ao aluno vários tipos de experiências. Na escola, o aluno está em contato com vários livros, pois, nem todos tem acesso a livros em casa e também está no meio de várias pessoas com experiências diferentes, culturas diferentes, percepções diferentes, o que colabora com o enriquecimento e diversidade na formação do leitor.

De acordo com Coelho (2000) a natureza e a sequência de cada estágio da leitura são iguais para todos, as indicações dos livros literários devem ser sempre feitas por aproximação da faixa etária.

A escolha do livro literário na fase de pré-leitor e leitor iniciante, deve conter imagens, frases curtas e com coerência, a história deve ter começo, meio e fim, para que fique fácil o entendimento das crianças, os personagens devem ter personalidade forte, para que elas saibam distinguir e também imaginar como ele deve ser de acordo com as características abordadas na história.

O aluno do 2º ano do ensino fundamental I se encontra na fase do leitor iniciante, ele reconhece os símbolos do alfabeto e sílabas simples e complexas. É o momento que a socialização se inicia. Nesse momento de transição ainda se faz necessário o professor como mediador, para ajudar os alunos a descobrirem uma infinidade de coisas através da leitura. É fundamental que cada pequena conquista da criança seja reconhecida e comemorada.

Para a escolha do livro mais adequado para os alunos do 2º ano do ensino fundamental I, de acordo com Coelho (2000), os textos ainda precisam conter imagens para chamar a atenção do leitor; as histórias precisam ser simples; conter início, meio e fim para que as crianças entendam; histórias engraçadas sempre fazem sucesso com

crianças dessa idade, e os personagens podem ser reais ou simbólicos (animais, planta, objetos). É necessário que os personagens tenham personalidade forte para que eles possam distinguir bons de maus, feios de bonitos, fortes de fracos etc. O texto deve conter palavras com sílabas fáceis e as frases devem ser curtas e com coerência. Os argumentos devem estimular sentimentos, emoções e vontades. Essas situações podem acontecer tanto no mundo do “Era uma vez” quanto no “Cotidiano”; o importante é que desperte no leitor a vontade de vencer obstáculos, entender as frustrações, sonhos, desejos, travessuras, etc. Isso também pode resultar na fusão destes dois mundos: o da fantasia e o real.

Segundo a autora, para a criança a literatura enfatiza o fenômeno de pensar, do sentir e do querer, em sua necessária complementariedade.

1.5 A escola e a formação do leitor reflexivo

Segundo Coelho (2000) a escola é um lugar privilegiado para o conhecimento, lá vivemos diversas trocas de experiências e aprendizado, o aluno tem acesso aos livros e a diversos materiais que dão suporte ao seu desenvolvimento.

O indivíduo e a leitura têm uma relação aparentemente simples, porém possui o cerne complexo, principalmente relacionado ao contexto escolar.

A teoria da necessidade apresenta um método comum de analisar motivações. Presume-se que o indivíduo se comporta como o faz para satisfazer uma necessidade. Algumas das primárias motivações de comportamento em nossa cultura são a necessidade de afeto, de se sentir parte de alguma coisa, de aprovação, independência e adequação. [...] Aprendendo a ler bem o aluno descobre maneiras de satisfazer essas importantes necessidades (GLOCK, 1997, p.65).

Não se deve considerar a leitura somente como decodificação de sinais gráficos, a leitura vai muito além disso: possibilita aguçar a curiosidade de fazer questionamentos, intervenções, hipóteses etc. nesse momento o professor assume um papel de grande importância, pois influencia os alunos nas suas próximas ações. Segundo Freire,

Ler é uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de acientífico, senão de anticientífico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blabilmente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o

nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar, aprender a ousar, para continuar quando, às vezes, se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais (FREIRE, 1995, p. 190).

No caso do aluno, é fundamental oferecer subsídios, baseado na participação afetiva e na construção, o que ajuda na formação de significados, tornando-os capazes de lidar com inúmeros gêneros textuais sejam eles linguísticos ou não linguístico, no seu cotidiano. De acordo com Silva,

Os professores precisam desenvolver uma intimidade com os textos utilizados junto a seus alunos e possuir justificativas claras para a sua adoção. E mais: precisam conhecer a sua origem histórica e situá-los dentro de uma tipologia. Essa intimidade e esse conhecimento exigem que os professores se situem na condição de leitores, pois sem o testemunho vivo de convivência com os textos ao nível da docência não existe como alimentar a leitura junto aos alunos (SILVA, 1988, p.63).

Ao interpretar a leitura, ao se apropriar das mensagens de forma diferenciada ou simplesmente ao proceder a uma interpretação, o leitor sai do mundo dos personagens e volta ao seu lugar natural, isto é, de leitor (TODOROV, 1979, p.150-151). A função mais importante da escola seria, para muitos educadores, proporcionar para as crianças o aprendizado, de forma consciente. Assim como tornar os alunos seres críticos e questionadores na sociedade. Essa também é a perspectiva de trabalho coerente, pois, uma escola transformadora é a que está consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e assume a responsabilidade de um ensino eficiente para capacitar seus alunos na conquista da participação cultural e na reivindicação social (SOARES, 2001, p. 73).

O principal objetivo da linguagem é a comunicação o que é socialmente construído e aprendido, em um primeiro momento, culturalmente, no espaço familiar, na comunidade; e, em um segundo momento, formalmente, no espaço escolar. Portanto, o sentido da palavra instaura-se no contexto, aparece no diálogo e altera-se historicamente produzindo formas linguísticas e atos sociais, “a transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho” (VYGOTSKI,1998, p.7).

O aluno que tem um hábito constante de ler constrói uma formação saudável e enriquecedora intelectualmente, uma virtude que pode mudar toda a sua vida. A leitura tem como função aguçar a curiosidade do aluno, o ato de ler constantemente faz uma enorme diferença na escola, é uma transformação cultural enorme, e para que isso aconteça depende muito do professor e da maneira que ele trabalha, pois o estímulo é o principal fator para que o hábito de ler em grupo seja concretizado. O leitor deve portar-se diante do texto, transformando-o e transformando-se: “ensinar a aprender é criar possibilidades para que uma criança chegue sozinha às fontes de conhecimento que estão a sua disposição na sociedade” (BAGNO, 1998, p.16).

A leitura e o sucesso acadêmico do discente estão ligados e esse fator define se o estudante continua ou não escola, evitando assim a evasão escolar. Para que se tenha uma boa escrita é necessário que se leia bastante e que pense amplamente. Desde a alfabetização até as formações superiores há a necessidade de contato com os livros e textos.

Existem várias formas para que os professores de diversas disciplinas incentivem o hábito da leitura entre os alunos, como por exemplo: leitura em grupo, contação de histórias, visitas às livrarias, conversas com escritores etc. Quando as cobranças pelas leituras obrigatórias acontecem, acabam afastando cada vez mais os alunos do hábito e gosto de ler. Zilberman (2003) chama de leitura emancipatória aquela que utiliza as oportunidades ficcionais desencadeadas pela fantasia para conduzir a atenção da criança à discussão dos valores que a circundam e, ao mesmo tempo, está assentada na realidade imediata percebida pelo leitor.

Capítulo II

Metodologia de Pesquisa

Neste capítulo, apresentaremos a nossa metodologia de pesquisa. Para tanto, contextualizaremos o leitor com uma diagnose social da escola onde ocorreu a pesquisa de campo e uma breve síntese sobre a pesquisa científica e sobre a pesquisa de natureza qualitativa que adotamos para a realização de nosso trabalho.

2.1 Diagnose social da escola

Histórico e contexto

O Centro de Desenvolvimento da Criança foi fundado em 1993 e batizado CDC construído e equipado pelo governo Federal com o objetivo de dar atenção às crianças através de serviços integrados de proteção, saúde, educação, alimentação, esporte, lazer, cultura e desenvolvimento comunitário.

Nos primeiros anos, o então CDC atendeu crianças de 4 meses até 6 anos na Creche e Educação Pré-Escolar em período integral e de 7 a 14 anos na Escola de 1º Grau em período semi-integral.

As crianças participavam das atividades escolares bem como de todas as outras que eram desenvolvidas.

Com o crescimento da comunidade e demanda por vagas, surgiu a necessidade de reduzir o horário de atendimento às crianças, tornando-se uma escola regular de Educação Básica, permanecendo apenas em período integral as crianças de 6 meses a 2 anos e 9 meses da Educação Infantil.

Este centro de Educação oferece atualmente a Educação Básica, Educação Infantil e Ensino Fundamental que atende aproximadamente 1020 alunos distribuídos em dois turnos matutino/vespertino e integral.

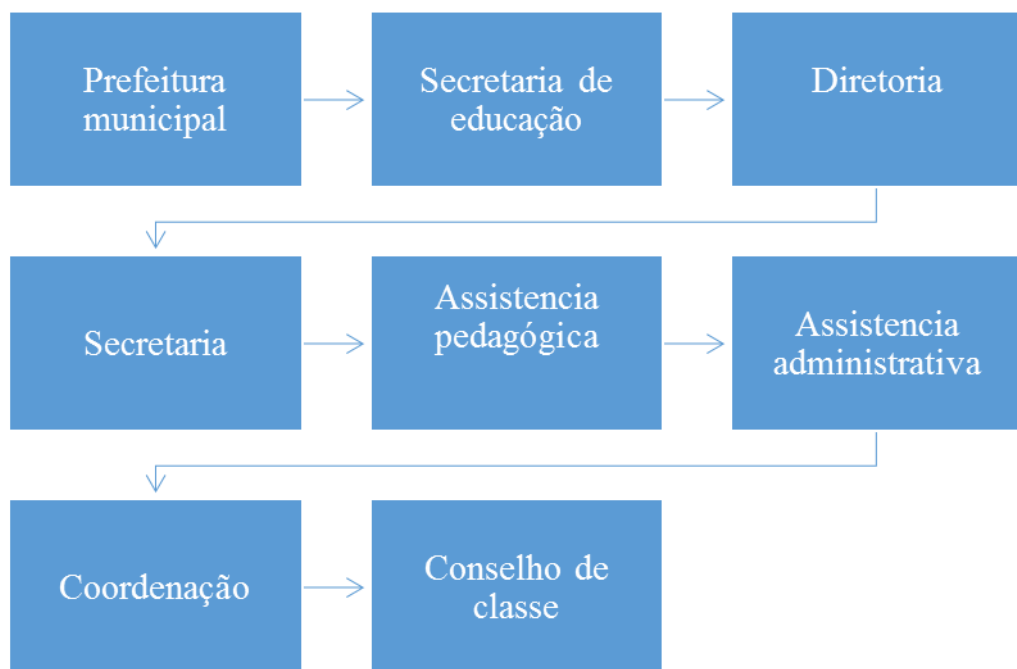
É oferecido ainda o Programa Agrinho que enfatiza a ética, a cidadania e o meio ambiente resgatando conceitos e valores e lançando para aluno, professor e escola desafios que envolvem tais temas.

Além dos programas e projetos oferecidos pela SME (Secretária Municipal de Educação), a escola realiza diversos projetos elaborados pelos professores e supervisores e executados por todos da comunidade escolar, na busca de uma melhoria no desempenho escolar, e do crescimento social de todos os membros envolvidos no processo educativo.

A escola é favorecida com uma boa estrutura física, havendo espaço para estudar, brincar e dispor do tempo recreativo, que contribui para o bem estar educativo e social.

Organização administrativa

A escola é mantida pela Prefeitura Municipal de Luziânia e administrada pela Secretaria Municipal da Educação de Luziânia. Sua organização administrativa pode ser visualizada abaixo:



O CDC (Centro de Desenvolvimento da Criança) possui profissionais qualificados, e um grande espaço físico para suportar a grande quantidade de alunos, sua estrutura é antiga, porém, tudo está em perfeito funcionamento. Abaixo está um quadro mostrando a estrutura do CDC: Espaço físico, recursos humanos, quantidade de alunos.

Unidade de Ensino	<i>CDC</i>
Diretora	1
Secretária	1
Coordenadora	1

da educação infantil					
Coordenadoras Pedagógicas do ensino fundamental	1				
Recursos Humanos	Professores: 44 100% têm qualificação em Pedagogia Assistente em Educação 05	Alunos Integral Creche I A= 44 Creche I B = 88 Creche II = 88 Infantil I = 135 Infantil II = 135 1º Ano= 108 2º Ano = 81 3º Ano = 99 4º Ano = 88 5º Ano = 88 Multifuncional 60 alunos Novo Mais Educação 190 alunos Total= 954	Aux.em Educação Merendeiras 11 Zeladores 11	Guardas 04	
Tipologia	Instituição que oferece ensino da Creche I ao 5º ano denominada Educação Básica				
Espaço Físico	Salas de aulas 32	Banheiros 59	Cantina 01	Refeitório 01	Biblioteca 01
	Sala de informática 01	Salas de professores 02	Diretoria 01	Secretária 01	Brinquedoteca 01

	Depósito 02	Quadra de esporte 01	Videoteca 02		
--	----------------	----------------------------	-----------------	--	--

Organização curricular

A proposta pedagógica – curricular consolida-se num documento que detalha as competências e habilidades a serem desenvolvidas com e pelos educandos, de acordo com as ações do processo educativo a ser desenvolvido no Centro de Desenvolvimento da Criança, visto que estes são indivíduos ativos do processo. Expressando a síntese das exigências sociais e legais do sistema de ensino, e os propósitos e expectativas da comunidade escolar com sua recriação e desenvolvimento que são expressos na cultura da escola, assentando nas crenças, valores, significados e modos de pensar e agir das pessoas.

Com base nas discussões e análise entre direção, supervisão, servidores e comunidade, a educação compreende o processo de construção da aprendizagem, desempenhando o papel de incentivadora em relação à aprendizagem significativa, no qual o educando relaciona com sua ação na escola e na comunidade.

O PPP do CDC foi elaborado baseado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Regimento Escolar de 20 de outubro de 2013, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Calendários Escolares e Grade Curricular do Município de Luziânia e Matriz Curricular.

Objetivos

A escola busca proporcionar condições adequadas às crianças no tocante à promoção da socialização, do bem-estar, do seu desenvolvimento integral de modo a assegurar um ensino de qualidade com vistas a garantir o acesso e a permanência dos alunos na escola no que diz respeito às necessidades e limitações de cada indivíduo; oportunizar e dar condições, nas diferentes etapas da educação básica, para que todos os sujeitos desenvolvam suas capacidades de modo a exercer seu papel com autonomia; oferecer à comunidade ensino de qualidade de modo a contribuir para o desenvolvimento e exercício da cidadania; educar para a transformação social, valorizando a vida e a dignidade humana, por meio do conhecimento e da ética; orientar os envolvidos no processo educativo para que sejam sujeitos ativos na construção da cidadania; transmitir

conhecimento com vistas à aprendizagem que trazem de suas vivências; proporcionar aos estudantes instrumentos para a aprendizagem de valores e conhecimentos por meio do desenvolvimento de projetos e sequências didáticas.

Principais norteadores

A escola entende que currículo é uma construção e seleção de conhecimento e práticas produzidas em contextos concretos, e fundamentados nas dinâmicas sociais, políticas, culturais e pedagógicas e que não é composto de conteúdos prontos e acabados a serem repassados aos alunos.

O currículo do Ensino Fundamental está constituído de uma base comum compondo-se das disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia. As atividades são desenvolvidas em forma de atividades de classe e extraclasse. Com base no currículo referência do município e ainda com base nos projetos próprios da escola.

É organizado levando em consideração as atitudes e valores: socialização, participação, autonomia, comunicação, solidariedade, responsabilidade, criatividade, assiduidade e domínio do conteúdo próprio de cada ano e estar constituído de uma base comum e de uma parte diversificada, compondo-se das áreas do conhecimento que são aplicadas em forma de atividades e projetos.

A duração da hora aula é de 45 minutos e mais 15 minutos de recreio monitorado. A organização curricular, nos anos iniciais do ensino fundamental, enfatiza os princípios de interdisciplinaridade que permeiam todo o currículo da Educação Básica. São oferecidas 5 horas de atividade pedagógica diária o que totaliza 25 horas semanais.

Avaliação

O processo avaliativo é importante para nortear as decisões pedagógicas, e exerce um papel essencial na busca de uma melhor aprendizagem.

Com observância ao Regimento Escolar/2011, ao avaliar o aluno o professor deverá estar atento aos seguintes itens: avaliar o desempenho do aluno de forma processual, contínua e cumulativa com prevalência dos aspectos qualitativos, e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais avaliações finais. A avaliação quantitativa vale 7,0 e qualitativo 3,0 este último é distribuído em 2,0 de conduta e 1,0 de trabalhos diversos. Os alunos do 1º (primeiro) ano e do 2º (segundo) ano são avaliados por meio da avaliação de desempenho individual (qualitativo), através de ficha padronizada

pela Secretaria Municipal de Educação sem caráter classificatório, relatório, atividade avaliativa de sala de aula.

O 3º ano participa da avaliação qualitativa com ficha pré-estabelecida pela secretaria de educação própria para o ano e também por qualitativo (prova), com caráter classificatório.

São utilizados, cotidianamente, os resultados da avaliação, para redirecionar o programa de ensino, visando incluir novas atividades dirigidas à superação das dificuldades dos alunos para reforçar a aprendizagem.

Há ainda recuperação da aprendizagem do aluno no processo, sem deixar acumular deficiência. A ação corretiva é imediata, paralela e contínua. Isso ocorre por meio de reforço escolar todas as terças-feiras por meio do MIA – Momento de Integração da Aprendizagem, atividades extras, atendimento individualizado em sala de aula, inserção na sala multifuncional com olhar especial para o primeiro ciclo paralelo à aula, parceria com o Novo Mais Educação. São elaboradas avaliações sistemáticas mensalmente, suscitando nos alunos o raciocínio lógico: trabalhos, provas subjetivas e objetivas, seminários, observação de conduta do aluno, bem como de outros instrumentos pedagogicamente aconselháveis. As médias serão expressas graduadas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), variando em décimos, totalizando assim durante o ano letivo, quatro médias que serão somadas e divididas por quatro para obtenção da média final.

A cada bimestre, a criança que não alcançar 50% do rendimento esperado é convidada para o atendimento individualizado (Momento de Intensificação de Aprendizagem – MIA).

No 1º e 2º anos do Ensino Fundamental a avaliação não assume caráter promocional havendo progressão continuada ao final do ano letivo, a menos que não tenha obtido 75% de frequência às aulas.

É considerado aprovado no 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental o aluno que alcançar média igual ou superior a 5,0 (cinco) em todas as disciplinas, e frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) do total de dias letivos.

Os resultados da verificação do rendimento escolar são registrados no diário de classe pelo professor e na ficha individual fornecida pela Secretaria.

É considerado reprovado o aluno que após a recuperação final não obtém nota igual ou superior a 5,0 (cinco), em cada componente curricular, após ser submetido à apreciação do Conselho de Classe.

2.2 A pesquisa científica: considerações gerais

Segundo Silva e Porto (2016), no ensino superior, o conhecimento científico ganha destaque, uma vez que se torna o ponto de partida e de chegada das atividades que correspondem à formação superior. O conhecimento humano manifesta-se de várias formas, algumas mais simples, outras teóricas e complexas. Entre as formas de conhecimento baseados na prática está o conhecimento popular, também chamado de senso comum. O conhecimento popular (senso comum) se satisfaz com informações infundadas e superficiais obtidas em suas relações sociais cotidianas.

Outro aspecto fundamental do conhecimento científico é a formalização. Segundo Demo (2000 apud SILVA E PORTO, 2016),

Dentro da nossa tradição científica, cabe em ciência apenas o que admite suficiente, formalização, quer dizer, pode ser analisada em suas partes recorrentes. Pode ser vista como polêmica tal expectativa, mas é a dominante e, de modo geral, a única aceita.

Além da formalização, as descobertas que pertencem ao âmbito do conhecimento científico possuem características da verificabilidade, isto é, devem estabelecer uma correspondência direta com a realidade objetiva e serem passíveis de comprovação.

Por outro lado, muito mais do que uma forma de responder às questões que a realidade apresenta, de forma objetiva e sistemática, o conhecimento científico reflete uma visão de mundo própria de um modelo de sociedade alicerçado na lógica, na objetividade do real.

O conhecimento científico é marcado pela sistematicidade. Essa importante característica é apreendida em parte nas aulas de Metodologia Científica. Outra parte, que pertence ao nível da experimentação, apreende-se com a prática da ciência, por meio da pesquisa, da produção do conhecimento e de seu uso exaustivo. Portanto, o conhecimento científico é também dinâmico. Primeiro porque não se produz nada em ciência sem que se tenha um ponto de partida, uma leitura prévia, uma revisão de literatura. Segundo porque a produção científica nunca será definitiva, absoluta. Em ciência tudo depende de ser objetivo e consistente, mas relativo e, algumas vezes, provisório.

De acordo com Andrade (1998, p.16),

a pesquisa científica é o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseados no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções

para os problemas propostos, mediante o emprego de métodos científicos.

Gil (2006, p. 42), apresenta o conceito de pesquisa social, cujo propósito consiste em descobrir resposta para problemas, através do emprego de procedimentos científicos “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”.

A pesquisa social permite a ampliação dos conhecimentos no campo da realidade social, entendida aqui em seu sentido amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus relacionamentos com outros homens e instituições sociais.

A pesquisa pode ser caracterizada de forma qualitativa, considerando o interesse pessoal, a relevância social e científica, a autonomia, a postura dialética, a audácia, criatividade, ineditismo e originalidade. É possível agrupar as pesquisas em três níveis ou grupos, de acordo com o objetivo: exploratórias, descritivas ou explicativas (GIL, 2006).

As pesquisas sociais, tanto por seus objetivos quanto por seus procedimentos são muito diferentes entre si. No entanto, deve-se observar que o desenvolvimento de uma delas exige o emprego de um conjunto de normas e procedimentos racionais, sistematizados que devem ser planejados com minúcia: planejamento, coleta de dados, análise e interpretação dos dados e redação do relatório (GIL, 2006, p. 47).

A pesquisa científica começa pelo problema “e problema é dúvida, é dificuldade, é quebra-cabeça, é curiosidade, é mistério, e assombro” (SALOMON, 1997, p.196). A formulação do problema envolve dois aspectos: de um lado, a lógica da formulação e de outro, a delimitação do problema.

2.3 A pesquisa Qualitativa

Segundo Flick (2009), a pesquisa qualitativa é uma pesquisa descritiva, cujas informações não são quantificáveis, os dados obtidos são analisados indutivamente, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

As ideias centrais que orientam a pesquisa qualitativa diferem daquelas da pesquisa quantitativa. Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos.

Os estudos denominados “qualitativos” identificam algumas características básicas. Segundo esse olhar, um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisada numa perspectiva integrada. Para isso, por meio de todos os pontos de vista relevantes das pessoas envolvidas, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Segundo Godoy (1995),

Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos.

Considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Cada método na pesquisa qualitativa está baseado em um entendimento específico de seu objeto. Os métodos qualitativos não devem ser considerados independentemente do processo de pesquisa e da questão em estudo. Eles estão especificamente encaixados no processo de pesquisa e são mais bem compreendidos e definidos a partir de uma perspectiva orientada ao processo.

De acordo com Flick (2009, p.13-14),

Os métodos mais importantes para a coleta e a interpretação dos dados e para a avaliação e a descrição dos resultados estão apresentados e situados em uma estrutura orientada ao processo. Isto deverá fornecer uma visão geral do campo da pesquisa qualitativa, das alternativas metodológicas concretas, bem como de suas pretensões, aplicações e de seus limites. Isto deverá habilitar o pesquisador a optar pela estratégia metodológica mais apropriada a seu objeto e a suas questões de pesquisa.

Godoy (1995) aborda a pesquisa qualitativa de forma semelhante, enfatizando também a perspectiva integrada, em que o pesquisador vai a campo objetivando captar o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas.

Para Turato (2005), as pesquisas que utilizam o método qualitativo devem trabalhar com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Seu objetivo é aprofundar seu entendimento e, se necessário, adentrar na subjetividade dos fenômenos, sem preocupar com medidas numéricas e análises estatísticas. Voltar à pesquisa para grupos delimitados em extensão e território.

De forma complementar, Alencar (1999) ressalta que na pesquisa qualitativa, o pesquisador inicia o trabalho de campo com pressuposições sobre o problema da pesquisa, originadas do paradigma teórico que orienta o estudo.

2.4 O percurso metodológico de estudo

De acordo com Porto (2016), o percurso metodológico é o caminho utilizado pelo autor para desenvolver o texto, seja um artigo, um ensaio ou mesmo um livro. Em geral, o percurso metodológico está explicitado no resumo do trabalho ou na introdução, se for um artigo de periódico, e na apresentação, se for um livro. Tendo claro qual é o percurso metodológico utilizado pelo autor para desenvolver um texto, o leitor terá ampliado suas possibilidades de compreensão.

Para realizar a nossa pesquisa, selecionamos dois instrumentos de coleta de dados: a análise do PPP da escola e a observação de aulas¹. Abaixo, faremos uma descrição mais detalhada do percurso metodológico realizado para desenvolver o nosso trabalho.

Primeiro Momento: foi realizada a visita à escola campo para conhecer a escola, apresentar a pesquisa para o gestor e para os professores regentes, sendo os objetivos dessa primeira visita: conhecer a escola; conhecer os professores do 2º ano do ensino fundamental, apresentar a pesquisa (tema, metodologia e objetivos), esclarecendo como se daria a participação da escola; colher assinatura do termo de consentimento pelo gestor da Unidade Escolar e pelas professoras participantes da pesquisa.

Segundo Momento: fizemos a análise do PPP da Unidade Escolar, buscando verificar se ele contempla em sua proposta de trabalho pedagógico o trabalho com a literatura infantil.

Terceiro Momento: fizemos a observação em sala de aula em duas turmas do 2º ano do ensino fundamental, durante os meses de agosto, setembro e outubro (duas vezes por semana em cada turma). Com os seguintes objetivos: 1) Observar se o professor trabalha com a literatura infantil em sala de aula; 2) Observar as atividades desenvolvidas em sala de aula voltadas para a literatura infantil; 3) Observar se os alunos mostram interesse durante as aulas; 4) Observar se os livros trabalhados em sala de aula estão de acordo com a faixa etária.

¹ Disponibilizamos o nosso roteiro de observação de aulas ao final do trabalho (apêndice 3).

Capítulo 3

O processo de ensino-aprendizagem da literatura infantil na escola campo

Neste capítulo, apresentaremos os resultados de nossa pesquisa de campo. Inicialmente, discutiremos o que é um Projeto Político Pedagógico para depois analisar como o PPP de nossa escola campo contempla o trabalho com a literatura infantil. Em seguida, apresentaremos a nossa análise das observações de aulas.

3.1 Projeto Político Pedagógico: o que é?

Segundo Veiga (1998), o projeto político pedagógico é um documento que não se reduz ao conjunto de projetos, atividades diversas e planos de aula ou mero cumprimento de tarefa burocrática. Deve apontar um rumo, uma direção, um sentido explícito para um compromisso estabelecido coletivamente. E, ainda, explicitar os fundamentos teóricos – metodológicos, objetivos, tipo de organização e as formas de implementação e avaliação da escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996 prevê, em seu art. 12, inciso I, que os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica.

De acordo com Veiga (2003), temos duas grandes concepções de PPP, uma pautada na inovação regulatória ou técnica e a outra pautada na concepção de inovação emancipatória ou edificante de PPP.

Segundo a autora, a construção do projeto político – pedagógico demanda aglutinação de crenças, convicções, conhecimento da comunidade escolar, conhecimento do contexto social e científico e compromisso político e pedagógico.

Conforme Veiga (2003), os princípios norteadores para a elaboração do PPP são: 1) igualdade de condições para acesso e permanência na escola, é mais que a expansão quantitativa de vagas; 2) qualidade de educação para todos, implica duas dimensões indissociáveis técnica / formal e política (participação); 3) gestão democrática consagrada pela Constituição e abrange as dimensões política, administrativa e financeira, visa romper como os pressupostos neotecnicistas (separação entre concepção e execução entre pensar e

fazer, entre teoria e prática); 4) liberdade associada à ideia de autonomia, liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a arte e o saber direcionado para uma intencionalidade definida coletivamente; 5) valorização do Magistério formação inicial e continuada, condições de trabalho, dedicação integral à escola, redução do número de alunos, remuneração, etc.

Para Libâneo (1994), o projeto político pedagógico – curricular deve ser compreendido como instrumento e processo de organização da escola. O projeto é um guia para a ação, prevê, dá uma direção política e pedagógica para o trabalho escolar, formula metas, institui procedimentos e instrumentos de ação. O PPP possui duas dimensões indissociáveis: a política e a pedagógica. A dimensão política refere-se ao compromisso com a formação do cidadão; a dimensão pedagógica refere-se à possibilidade de efetivação da intencionalidade da escola a cerca do conhecimento. É um movimento de luta em prol da democratização da escola, que visa superar conflitos e eliminar relações competitivas. Não enfatiza só a especificidade metodológica e técnica, mas volta-se também a organização do trabalho pedagógico. Assegura a articulação escola – família – comunidade. Nesse sentido, afirma Veiga (1995, p. 14) que:

A principal possibilidade de construção do projeto político pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade. Isto significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva.

A construção do PPP exige esforço coletivo que implica a seleção de valores a serem consolidados; pressupostos teóricos e metodológicos; análise do contexto externo da escola.

É necessário considerar a autonomia da escola no momento de construção e execução do PPP. Ela possui um sentido sociopolítico e se volta para a construção da identidade da instituição e pode se considerar em quatro dimensões:

- Autonomia administrativa: pode indicar os dirigentes da instituição e negociação entre os atores;
- Autonomia Jurídica: pode elaborar as próprias normas e orientações;
- Autonomia Financeira: possuir recursos próprios que possibilitem condições de funcionamento efetivo, elaborar e executar seu orçamento a partir do investimento público;

- Autonomia Pedagógica: liberdade de ensino e pesquisa e está ligada à identidade e função social.

A construção do PPP constitui-se em três momentos distintos, porém interdependentes: I) o diagnóstico da realidade da escola; II) a explicitação das concepções de homem, sociedade, educação, escola; III) a tomada de decisões para se atingir os objetivos traçados.

O momento ideal para se planejar o PPP, conforme Gandin (2004) ocorre quando os atores da escola reconhecem a necessidade de atuarem coletivamente em busca de uma melhoria da qualidade de ensino. O projeto político – pedagógico deve ser um processo dialógico, incluindo a participação de toda a comunidade escolar (gestores, orientadores, pais, alunos, funcionários e membros da comunidade local) na discussão e reflexão acerca das finalidades e problemas da escola.

3.2 A Literatura Infantil e a Organização do Trabalho Pedagógico no PPP

A literatura infantil é um fator fundamental na formação acadêmica de qualquer criança, pois permite ao indivíduo vivenciar várias formas de ver o mundo. Segundo Coelho (2000),

Desde os anos 70/80, as experiências, debates e propostas para reformas educacionais vêm-se multiplicando de maneira significativa, principalmente no âmbito da Língua e da Literatura. E com especial cunho polêmico na área da Literatura Infantil (COELHO, 2000, p.15).

Tais debates e reformas vêm acontecendo devido à necessidade de se adequar a literatura infantil a seu público, pois ela nem sempre existiu como tal. Segundo Zilberman (2003),

Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a “infância”. Hoje, a afirmação pode surpreender; todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio à Idade Moderna. A mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros (ZILBERMAN, 2003, p.15).

Nesse sentido, já não basta que a literatura seja adaptada para crianças, mas começa-se a pensar em uma literatura construída para crianças, respeitando suas fases de amadurecimento, seus interesses.

Conforme apontamos no capítulo 1, para Coelho (2000), a escola é um espaço privilegiado para a formação do indivíduo e deve privilegiar os estudos literários, pois

de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser (COELHO, 2000, p.16).

Considerando a importância da literatura infantil na formação da criança, conforme nos apontou Coelho (2000), nos perguntamos se tais debates e propostas acontecem no âmbito da escola, durante a elaboração do PPP. Será que a escola estabelece critérios para a escolha dos livros literários que serão trabalhados no ano letivo? Há projetos de leitura englobando a literatura infantil? Enfim, como a escola orienta, através do PPP, o trabalho com a literatura infantil?

Analisando o PPP da escola campo, podemos observar a maneira como é organizado, que há uma preocupação com as necessidades dos alunos, buscando sempre a melhoria e qualidade de ensino. Todas as disciplinas oferecidas na instituição passam por um processo avaliativo, que acontece durante todo o período de aulas e no final de cada bimestre é aplicada uma prova escrita, na intenção de medir o grau de conhecimento da turma, para nortear o professor em que tipo de material pode levar pra sala de aula que ajude o aluno a se desenvolver, buscando sempre respeitar a sua faixa etária e grau de conhecimento. É importante ressaltar que durante o ano existe também a recuperação, onde o professor busca suprir as dificuldades de alguns alunos que não conseguiram acompanhar a turma em algum ponto abordado durante o bimestre, assim, não deixando acumular muitas dificuldades. A ação interventiva deve ser imediata.

A literatura infantil aparece no PPP na matéria de Língua Portuguesa, onde são previstas atividades em classe e também atividades extra-classe que são realizadas em casa com o apoio da família. Consideramos que a literatura infantil poderia ser utilizada em todas as disciplinas, pois é possível partir da literatura infantil para trabalhar os mais diversos conteúdos, de maneira interdisciplinar, bem como trabalhar aspectos que envolvam a formação das crianças, como os valores vigentes na sociedade.

Existem também projetos de incentivo à leitura, há o Dia do Livro, que consiste em tirar um dia da semana para que os alunos possam trazer livros de casa, e fazer uma roda de leitura na aula, onde todos tem a oportunidade de socializar a leitura realizada.

No PPP da escola, consta um projeto já realizado sobre leitura, que tem como tema “Ler é bom de mais”. Na execução do projeto, segundo os professores, foi trabalhada a literatura com os pequenos durante todos os bimestres, com o objetivo de tornar a leitura um hábito. Para os professores, esse projeto abriu as portas da imaginação das crianças, aguçando ainda mais a sua curiosidade, fazendo com que sentissem prazer em ler. Por meio de teatro foram trabalhados vários livros da literatura infantil. Uma das obras que foi muito bem sucedida nesse projeto foi a história “A bolsa amarela” de Lygia Bonjunga Nunes, conforme podemos observar na fala de uma das professoras, em conversa informal sobre o PPP:

Nota de campo 18/10/2017

Professora B: com esse livro trabalhamos a questão dos sentimentos da criança, porque eles ainda não sabem controlar muito bem, né? O livro fala sobre os desejos da criança e os conflitos internos que elas sofrem, é uma forma de ajudá-las nessa etapa. Ainda gosto de ler esse livro em rodas de histórias com eles, eles adoram.

Além do trabalho desenvolvido em sala de aula, também foi necessária a participação contínua da família, por meio de atividades de casa voltadas a literatura. De acordo com relatos das professoras, os alunos tiveram um resultado positivo.

Há também no PPP, o projeto “Maleta da Leitura”, também já realizado. As professoras juntamente com os alunos confeccionaram uma maleta, essa maleta cada semana vai para a casa de um dos alunos recheada de livros, com o apoio da família os alunos realizam leituras em casa, o incentivo da família é um fator fundamental no desenvolvimento do aluno. Os pais fazem um relatório e enviam para a professora relatando como foi a experiência da Maleta da Leitura em suas casas. O projeto “Maleta da leitura”, conforme consta no PPP, tem como objetivos: despertar o prazer da leitura e aguçar o potencial cognitivo e criativo do aluno; promover o desenvolvimento do vocabulário, favorecendo a estabilização de formas ortográficas; possibilitar o acesso aos diversos tipos de leitura na escola, buscando aprimorar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Em conversa informal sobre o projeto, um aluno nos relatou:

Nota de campo 18/10/2017

Aluno da turma B: Eu gosto de levar a maleta para casa, porque eu posso mostrar os livros para meus primos pequenos e contar histórias para eles, e também cuidar dos livros para não estragar.

Crianças são seres curiosos e a cada instante descobrem algo novo, segundo as professoras, os alunos se mostraram bem interessados nas rodas de histórias, e todos eles queriam levar a maleta da leitura para casa, essa experiência de levar os livros para casa chamou muito a atenção deles, pois além de estar levando a maleta da leitura para casa eles se sentiam responsáveis por cuidar dos livros, trabalhando assim a autonomia das crianças.

Assim, em nossa análise, pudemos constatar que o PPP da escola direciona o trabalho com a literatura infantil, incentivando a formação do gosto pela leitura nos estudantes. Observamos ainda em conversas informais sobre o PPP com os professores e com alguns alunos, que os projetos propostos no PPP são realizados com êxito, pois há uma demonstração de satisfação com os resultados, tanto por parte dos professores, quanto por parte dos alunos.

Por fim, consideramos que, para que o PPP possa contemplar a literatura infantil de maneira ainda mais eficiente, seria interessante, por exemplo, especificar as características gerais que deve ter a literatura destinada a determinado ano escolar, conforme apontamos no capítulo 1, seção 1.4, para que a escolha do livro literário infantil seja realizada da maneira mais consciente e adequada possível.

3.3 A prática pedagógica do professor no processo de ensino-aprendizagem da literatura infantil

O trabalho de observação foi realizado no CDC (Centro de Desenvolvimento da Criança), em duas salas de segundo ano do ensino fundamental, uma no período matutino e outra no período vespertino.

O principal objetivo em relação às observações em sala de aula foi de investigar de que maneira o trabalho com a literatura favorece a formação do leitor reflexivo no 2º ano do ensino fundamental I.

Para realizar a nossa análise, optamos por abordar cada um dos pontos levantados em nosso roteiro de observação² pois, segundo Jacques (2001), para melhor entendimento, é importante começar por uma descrição operatória advinda dos objetivos e não por um discurso geral. Passaremos, assim, à nossa análise.

1 - O professor trabalha com a literatura infantil em sala de aula?

Durante as observações na escola campo, pudemos perceber que a literatura infantil se faz presente nas aulas, cabe salientar que as aulas iniciais, em que se utilizava de um momento literário, foram um espaço riquíssimo para observação e recolhimento de dados, favorecendo uma ampla visão do nível de relacionamento entre o aluno e o professor.

Percebe-se a utilização de materiais didático-pedagógicos ou culturais - como fantoches, avental da leitura, brinquedos etc. - na mediação da construção de conceitos, além daqueles que são produzidos pela professora e pelos alunos, como o jogo da memória, caça palavras, bonecos com materiais não estruturados, etc.

Sempre que havia oportunidades, investíamos nas conversas informais com as professoras. Em uma dessas conversas, perguntamos sobre a importância de trabalhar a literatura infantil em sala de aula, a que a professora nos respondeu:

Nota de campo 18/10/2017

Professora A: A literatura tem um papel fundamental na formação dos nossos pequenos, estamos estabelecendo não só uma linguagem, mas também toda a nossa história, é por meio da literatura que registramos todos os acontecimentos históricos, escrevendo e dando continuidade aos registros.

Analisando a fala da professora, podemos perceber que ela tem um entendimento da importância da literatura, não só na formação do indivíduo em seres críticos e pensantes, mas também em um benefício social, em grupo, que visa toda a história da sociedade e do ser humano, a literatura serve de registro para todos os acontecimentos.

² Disponível no final de nosso trabalho (apêndice 3).

Como apontamos em nosso capítulo 1, o professor não apenas auxilia o aluno nessa construção de conhecimento, ele também está preparando o pequeno para o mundo, é necessário que os professores tenham consciência da relevância desse papel social.

Por fim, pudemos constatar em nossas observações que a literatura se faz presente em sala de aula, e os professores reconhecem-na como um instrumento importante na formação do pequeno leitor.

2- Quais atividades são desenvolvidas em sala de aula com a literatura infantil?

Durante nosso período de observação de aulas, consideramos que nossa escola campo faz jus à afirmação de Coelho (2000) quando reconhece a escola como espaço privilegiado para o ensino da literatura infantil, pois pudemos observar que, em vários momentos, foram realizadas rodas de contação de histórias, onde os alunos escutavam as histórias e logo em seguida faziam o reconto, às vezes contava-se a história por meio de fantoches e, outras vezes, por meio do miniteatro, que consideramos uma forma interessante de abordar a literatura em sala de aula, um jeito divertido e envolvente que parecia prender a atenção dos pequenos.

Também houve momentos onde faziam uma leitura coletiva, cada aluno iria lendo uma parte da história, foram poucas as vezes em que foram passadas atividades escritas relacionadas ao livro que foi lido, mas sempre havia uma conversa no final de cada história em que se buscava explorar a compreensão textual dos alunos, reforçando também os valores, crenças, culturas etc, conforme podemos visualizar em uma de nossas notas de campo:

Nota de campo 11/08/2017

Na atividade de hoje, foi proposto que fizessem uma leitura coletiva, onde cada aluno tem que ler uma parte da história do livro “Amizade” da editora Todo dia. No decorrer da atividade, alguns alunos se recusaram a ler, acredito que por medo ou vergonha. Me chamou muito a atenção o jeito com que a professora agiu, de não forçar a leitura, respeitando o momento da criança, esperando com que o ato de ler seja espontâneo, quando a criança se sentir segura. Outro fator muito importante que foi observado durante esse período foi quando, no meio da história, surgia alguma

palavra que os alunos não conheciam, não sabia o significado, eles questionavam e ficavam inquietos até descobrirem e entenderem o que tal palavra significava. No livro trabalhado tinha a palavra “Perseverança”, assim que a professora começou a história, surgiram vários questionamentos sobre o que era perseverança, a professora por sua vez, parou a história e fez uma pequena explicação do significado e somente depois deu continuidade à leitura. No final da história foi realizada uma conversa informal, na qual a professora fez algumas perguntas como: “Vocês tem sido perseverantes?; “Qual é a importância de ser perseverante?”; “O que aprendemos com a história?”.

Por fim, durante nossas observações de aulas, pudemos constatar que são desenvolvidas diversas atividades com a literatura infantil, inclusive atividades bastante lúdicas, que favorecem o desenvolvimento do gosto pela leitura nas crianças, contribuindo, assim, para formação do pequeno leitor.

3 - Os alunos demonstram interesse pelas atividades desenvolvidas durante as aulas?

Em todo o nosso período de observação, os alunos se mostraram interessados, mais do que o esperado. Prender a atenção das crianças é fundamental, porém, é bem complicado conseguir essa atenção, devemos pensar bastante, estudar muito e analisar cada detalhe do material que será trabalhado em sala de aula. Em conversa informal com a professora sobre estratégias para prender a atenção das crianças, obtivemos o seguinte relato:

Nota de campo 25/08/2017

Professora B: Eu penso muito nas crianças, gosto de pensar como se fosse uma criança da idade deles e no que me chamaria atenção, por isso trabalho bastante nessa questão de trazer coisas diferentes, fantasias, fantoches, teatros, gosto de fazer dos meus alunos protagonistas, porque é isso que eles são, tudo que é feito na escola é em função dos nossos pequenos.

Percebe-se pela fala da professora, a preocupação em diversificar as atividades para que se possa aproveitar ao máximo o que a história pode oferecer. Conforme apontamos em nosso capítulo 1, sessão 1.4, é necessário despertar a imaginação das crianças, a relação professor e aluno se faz por meio de muita confiança. Tal confiança foi perceptível para nós durante as aulas da professora, que valoriza todo e qualquer comentário relacionado ao conteúdo quando os alunos falam.

Nota de campo 15/10/2017

Hoje a professora trabalhou com a história que uma aluna trouxe de casa “A branca de neve e os sete anões”. No final da história, a professora propôs que fosse feita uma representação da história, porém, com um final diferente, e para que fosse representada a história, a professora pegou as fantasias, os alunos todos ficaram interessados e todos queriam participar, porém não tinham personagens e nem fantasias o suficiente, causando confusões entre os alunos, então fecharam um acordo no qual quem participasse desse teatro, não participaria do próximo, para dar oportunidade para os outros colegas.

Nesta observação, percebemos quão grande é o interesse dos alunos em participar, seja pelo livro, ou pelas fantasias, ou por algo que chamou a atenção deles, como podemos visualizar na fala de uma aluna durante a mesma aula:

Aluna da turma A: Tia eu quero ser a branca de neve, porque da outra vez a Bia já foi, agora é minha vez.

Assim, durante as nossas observações, percebemos que os alunos demonstram muito interesse pelas aulas nas quais se trabalha com a literatura infantil. Percebemos ainda que são muitas as possibilidades de chamar a atenção deles se o professor utilizar a sua criatividade.

4 - Os livros trabalhados em sala de aula estão de acordo com a faixa etária?

Os livros trabalhados em sala de aula estavam, na maioria das vezes, de acordo com a faixa etária da turma, mas quando as crianças traziam livros de casa, a indicação classificatória do livro não era observada. É importante ressaltar que essas classificações de faixa etária são aproximativas e nunca exatas, por esse motivo devemos analisar bem o que está sendo desenvolvido em sala e se o material está adequado. Durante as observações pude perceber livros com bastantes gravuras, histórias com começo, meio e fim, facilitando assim o entendimento da criança, pois, conforme afirma Coelho (2000), histórias lineares são fundamentais nessa fase. O diálogo sobre as histórias trabalhadas eram construídos com frases simples com palavras fáceis. Os personagens apresentavam características fortes, bom ou mal, feio ou bonito, chato ou legal, forte ou fraco, pequeno ou grande. Segundo Coelho (2000), é muito importante que a personalidade dos personagens fique bem clara, pois crianças da nessa idade tem um pouco de dificuldade de entender que um personagem pode não ser completamente bom e nem completamente mal, devido a essa dificuldade são indicados livros em que os mocinhos sejam bonzinhos e os vilões sejam maus. Para a autora, mais tarde, com a maturidade, o indivíduo terá mais facilidade em lidar com personagens complexos, que tem um lado bom e outro mal.

No período de observação foi trabalhada a coleção “Descobrimos Valores”, da editora Todo Livro. Essa coleção é composta por 10 histórias e cada uma delas ensina sobre um valor que devemos aperfeiçoar nas nossas vidas. Os títulos das histórias que compõe a coleção são: Amizade, Autoconfiança, Generosidade, Honestidade, Perseverança, Prudência, Respeito, Responsabilidade, Superação e Tolerância. Além de trabalhar a literatura também trabalha valores morais e culturais com as crianças. Uma coleção elaborada com o objetivo de fortalecer o hábito da leitura e os laços familiares.

Durante o tempo de realização deste estudo, foi possível observar que a proposta pedagógica da escola se pauta na realização de projetos no cotidiano escolar, ora no recreio, ora em sala de aula, ou nas coordenações, com um firme objetivo de proporcionar a formação do educando, seja ela global, integral, crítica e/ou geradora de criatividade.

Considerações Finais

Essa pesquisa teve como objetivo investigar de que maneira o trabalho com a literatura em sala de aula favorece a formação do leitor reflexivo no 2º ano do ensino fundamental I. Durante as observações pude perceber que a escola desenvolve um trabalho com a leitura diariamente, pois percebe que a leitura é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança, tornando-a uma atividade prazerosa, na qual todos juntos aprimoram conhecimentos.

Percebemos também, por meio de conversas informais com as professoras, que elas proporcionam momentos de interação para desenvolver o gosto pela leitura e o hábito de ler, afirmando que em sala de aula deve haver um canto para a leitura, livros bem editados e bem ilustrados, como qualquer outro material que contenha escrita, por exemplo jornais, revistas e outros. De acordo com as professoras, a escola trabalha com a realização de projetos e as crianças são levadas ao cantinho da leitura semanalmente e a coordenação ajuda a desenvolver atividades de interpretação de textos.

Diante da observação e da análise, concluímos que as professoras transmitem o seu gosto pela leitura, tendo como meta primordial aprender, para aprender a ensinar de forma inovadora e atrativa. Não somente ensinar por ensinar, mas ensinar o verdadeiro significado da leitura e o real sentido do leitor reflexivo. Percebemos ainda que a escola possui uma gestão dedicada e igualitária, que busca promover harmonia no âmbito escolar e envolver a todos que estão inseridos na comunidade escolar. Porém, o conhecimento teórico das professoras é muito superficial, falta um pouco de aprofundamento na teoria, talvez se os professores tivessem uma formação continuada, onde sempre estarão se atualizando, a questão de como a literatura pode ajudar na formação do pequeno leitor poderia ser vista com mais formalidade, tornando as crianças seres mais críticos. O que percebemos é que na prática elas fazem de maneira correta, porém quando são questionadas sobre o porquê das coisas, elas não sabem explicar muito bem.

O nosso primeiro objetivo específico era entender como o PPP contempla o processo de formação do leitor reflexivo através da literatura infantil. Analisamos o PPP da escola e nele constavam vários projetos voltados para a literatura infantil, por meio de conversas informais e muita observação percebemos que esses projetos são de fato colocados em prática semanalmente, e desde que foram inseridos no contexto escolar tiveram resultados positivos e os professores estão sempre querendo melhorar a cada

ano que se passa. O trabalho com a literatura infantil na escola não se resume apenas a esses projetos, afinal, qualquer que seja a matéria ensinada nas salas de aula, a literatura se faz presente. O nosso segundo objetivo específico era analisar se o trabalho com a literatura desenvolvido em sala de aula tinha suas ações calcadas para a formação do leitor reflexivo. Durante a coleta de dados, observamos com muita atenção como eram desenvolvidas as atividades dentro de sala, e qual o objetivo de cada uma delas, foram dias e dias de observação e muitas trocas de informações com as professoras. De acordo com os nossos dados, todas as atividades propostas dentro da sala de aula são elaboradas com o intuito de melhorar o hábito da leitura dos alunos e também fazer com que eles gostem de ler, em um mundo totalmente digital, é difícil fazer com que se interessem por livros, porém, as professoras se mostraram bem dinâmicas e com uma imaginação muito boa, conseguindo sempre prender a atenção deles, sempre trazendo algo novo para a turma, o que deixa as crianças muito animadas.. É muito importante que as crianças não tenham receio de ler, esse período da formação da criança é algo muito delicado, e nós professores temos que estar preparados para lidar com essa situação, pois muitas crianças ficam com traumas por causa de professores que não sabem conduzi-las, isso pode trazer consequências para o resto da vida. Percebemos que as professoras do CDC tomam bastante cuidado com isso, e estão sempre em busca de algo novo. Nesse sentido, podemos afirmar que as atividades abordadas em sala de aula em nossa escola campo têm suas ações calcadas para a formação do leitor reflexivo.

O nosso último objetivo específico foi observar se livros trabalhados em sala de aula estão de acordo com a etapa de ensino. De acordo com os dados colhidos, os livros trabalhados em sala de aula geralmente estão de acordo com a faixa etária dos alunos, apenas algumas vezes as crianças trazem os livros de casa e, nessas ocasiões, a adequação à faixa etária não é observada. A coleção que eles estão trabalhando recentemente traz histórias curtas, com muitas gravuras, história linear com começo, meio e fim; tem palavras fáceis; e os personagens tem personalidade forte, onde o feio é feio, o mau é mau, o bom é bom, bonito é bonito, etc. Assim, concluímos que, de acordo com os critérios de adequação elencados em Coelho (2000), os livros de literatura infantil utilizados durante nosso período de observação estão de acordo com as características sugeridas para a faixa etária, percebemos que os professores conhecem e estudam cada uma das histórias primeiro antes de passar para seus alunos.

Por fim, concluímos que as professoras dão o devido valor ao hábito de ler, pois fazem um trabalho em conjunto com seus alunos para melhorar cada vez mais a qualidade

em relação aos conhecimentos adquiridos. Percebemos que é com o auxílio da leitura e do incentivo dado a ela, que podemos formar leitores reflexivos, críticos, que buscam, através de suas considerações, modificarem a sociedade em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALENCAR, E. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Lavras: UFLA, 1999. 125 p.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. (trad. Dora Flaksman) 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1998.
- BARTHES, Roland. **Leituras de Roland Barthes**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- BRASIL no PISA 2015. **Análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros**. Fundação Santillana. Brasília. 2016.
- CAGNETI, Sueli de Souza; ZOTZ, Werner. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- FLICK, Uwe. **Introdução a Pesquisa Qualitativa**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, Paulo, MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1998.
- GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Série Dicionário de Filósofos. Disponível em http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf> Acessado em: 24/04/2016.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.

JACQUES, Jean Bonniol. **Modelos de avaliação textos fundamentais**. Editora Artmed. São Paulo, 2001.

KLEIN, Ruben. Uma re-análise dos resultados do PISA: problemas de comparabilidade. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <http://www.SCIELO.br/pdf/ensaio/v19m73/02.pdf> Acessado em: 19/04/2017

LEITE, Ângela de Souza. **O que é ler?** São Paulo: Record, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor). São Paulo: Cortez, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. Campinas: Cortez/Unicamp, 1988.

PIMENTEL, Maria da Glória. **O professor em construção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

SOUSA, Jesualdo. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SALOMON, Delcio V. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SILVA, C. N. N; PORTO, M. D. **Metodologia Científica Descomplicada**: pesquisa e prática para iniciantes. Brasília: Editora IFB, 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **A leitura no contexto escola**. 1988.

SOARES, Liliana Ferreira. **Produção de Leitura na escola: a interpretação do texto literário nas séries iniciais.** Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

TODOROV, Tzevtan. **Literatura e Significação.** Lisboa: Assírio e Alvim, 1979.

TURATO E. R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa.** Revista de Saúde Pública, 2005. Jun. 39(3):507-14.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org). **Técnicas de ensino: por quê não?.** 3 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

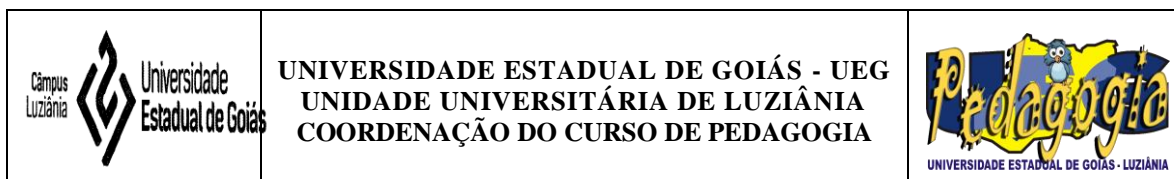
VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A escola: espaço do projeto político-pedagógico.** Campinas, SP: Papyrus, 1998.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Inovações e projeto político – pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória?** Cad. Cedes, Campinas, v.23, n.61, dezembro 2003.

VYGOTSKY, Leon S. (1930). **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1978. (1930).

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** Porto Alegre: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura e o Ensino a Literatura.** São Paulo: Contexto, 1988.



Apêndice 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Escola

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “**A Literatura Infantil em sala de aula: contribuições para a formação dos estudantes no 2º ano do Ensino Fundamental**”. Sob a responsabilidade da estudante do Curso de Pedagogia **Fabrine Silva Afonso** da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Campus Luziânia.

O foco de nosso trabalho é analisar a prática pedagógica com a literatura infantil em sala de aula e as contribuições que pode trazer para a formação do leitor. Neste sentido, a pesquisa poderá trazer contribuições fundamentais para a prática pedagógica com a literatura infantil. Para alcançar os objetivos propostos, adotamos alguns procedimentos de coleta de dados da abordagem qualitativa.

Nesse sentido, a participação de sua Unidade Escolar se dará através da análise do PPP e análise de **observação de aulas no 2º ano do Ensino Fundamental**. Os resultados da pesquisa (análise dos dados) serão divulgados na Universidade Estadual de Goiás – UEG, podendo ser publicados posteriormente. No entanto, as identidades dos participantes serão mantidas em sigilo.

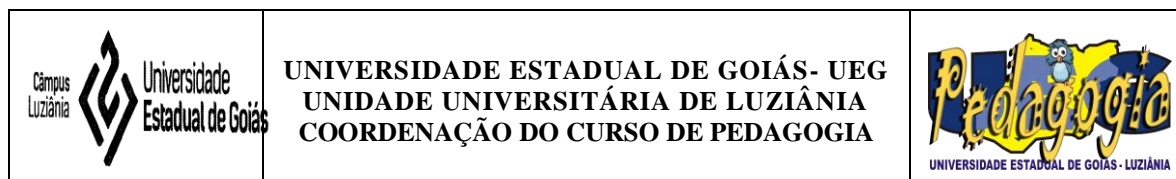
1. Esclarecimento: A pesquisadora estará à disposição para todo e qualquer esclarecimento necessário no início e/ou durante a coleta de dados da pesquisa.

2. Sigilo: Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de estudo. A identidade dos participantes não será revelada.

Luziânia-GO, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do(a) Diretor(a)

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Apêndice 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: **“LITERATURA INFANTIL: a prática pedagógica e a formação do pequeno leitor”**, sob a responsabilidade do estudante do Curso de Pedagogia FABRINE SILVA AFONSO da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Luziânia.

O objetivo desse trabalho é: pesquisar, analisar e investigar de que maneira o trabalho com a literatura infantil em sala de aula favorece a formação do leitor reflexivo no 2º ano do ensino fundamental I. Nossos objetivos específicos são: a) verificar como o PPP contempla o processo de formação do leitor reflexivo por meio da literatura infantil; b) analisar se trabalho com a literatura infantil desenvolvido em sala de aula tem suas ações calcadas para a formação do leitor reflexivo; c) observar se os livros trabalhados em sala de aula estão de acordo com a etapa do ensino bem como se estimulam a formação do leitor reflexivo.

A sua participação será através de nossos instrumentos de coleta de dados serão: 1) a análise do PPP da Unidade Escolar; 2) a observação em sala de aula.

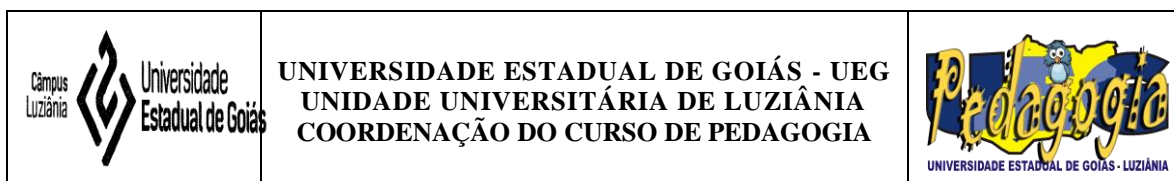
Os resultados da pesquisa (análise dos dados) serão divulgados na Universidade Estadual de Goiás – UEG, podendo ser publicados posteriormente. No entanto, os dados utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador e as identidades dos participantes serão mantidas em sigilo.

1. **Esclarecimento:** A pesquisadora estará à disposição para todo e qualquer esclarecimento necessário no início e/ou durante a coleta de dados da pesquisa.
2. **Sigilo:** Os dados serão utilizados apenas para fins de estudo. A identidade dos participantes não será revelada.

Luziânia-GO, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do Professor Participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Apêndice 3

Roteiro de Observação de Aulas

Escola: _____

Professor Regente: _____

Turma observada: _____ Turno: _____ Data de observação: ____/____/2017.

Conteúdo ministrado nesta aula: _____

Pontos para observação:

- 1) O professor trabalha com a literatura infantil em sala de aula?
- 2) Quais atividades são desenvolvidas em sala de aula com a literatura infantil?
- 3) Os alunos mostram interesse durante as aulas?
- 4) Os livros trabalhados em sala de aula estão de acordo com a faixa etária?

Descrição da aula:



Anexo 1

Declaração de Autenticidade

Neste documento, eu FABRINE SILVA AFONSO declaro que este trabalho é de minha autoria e o uso de todas as fontes escritas e de material de qualquer natureza utilizado na produção deste documento foi devidamente e apropriadamente reconhecido. Também declaro aqui ter conhecimento do teor da Lei nº 9.610/98, que versa sobre plágio de trabalho intelectual de qualquer natureza e que tenho consciência das consequências desta lei no âmbito civil e criminal.

FABRINE SILVA AFONSO